

# *Ferreira de Castro, História e Imaginário: dos Emigrantes, através d' A Selva, até A Lã e a Neve*

**António dos Santos Pereira**  
asp@ubi.pt  
Universidade da Beira Interior

## **ABSTRACT**

In Ferreira de Castro's (1898-1974) literary production, apart from his life trajectory, the urban and rural portrait of the landscape, the Amazonia jungle, the Portuguese rural world, S. Paulo and Covilhã, many political, economic and social factors of both Brazilian and Portuguese history of the first half of the twentieth century are to be found: emigration, industrialisation, working class-culture, periodical Press and strikes. This article contains also a final note regarding alternative readings of Ferreira de Castro's work, particularly throughout the time of his own formation.

## **KEY-WORDS**

Emigration, industrialisation, working-class, solidarity and love.

## **RESUMO**

Na produção literária de Ferreira de Castro (1898-1974), além da sua trajetória de vida, do retrato das paisagens rurais e urbanas, a selva amazónica, o mundo rural português, São Paulo e a Covilhã, transparecem vários fatores políticos, económicos e sociais da História do Brasil e de Portugal da primeira metade do século XX: a emigração, a industrialização, a cultura operária, a imprensa

periódica e as greves. Neste artigo, fica ainda uma nota das leituras possíveis de Ferreira de Castro particularmente durante o seu período de formação.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Emigração, industrialização, cultura operária, solidariedade e amor.

#### **INTRODUÇÃO**

Até chegar à mais paradigmática expressão da cultura operária portuguesa, a Covilhã da década de Quarenta do século XX, manifesta no claro espelho d' *A Lã e a Neve*, quanto caminhou Ferreira de Castro?

O nosso autor não ficou indiferente a nenhuma das grandes questões do seu tempo e tratou estas com a grandiosidade da epopeia. As maiores concernem a emigração e a questão da solidariedade de classe, mas abordou, também em profundidade, os problemas sociais e os temas do quotidiano do seu tempo: a habitação e o amor, a alimentação, o vestuário e a higiene, a saúde e a cultura operária, a religião e a alienação. Nele, para todo o sempre, fica reportado um dos episódios mais gloriosos da luta operária portuguesa, descrito entre o estilo jornalístico e sociológico e o género romanesco: as greves na Covilhã de Novembro e Dezembro de 1941 que, em outra parte, considere mais do que incidentais, inerentes ao sistema produtivo na economia local desde os finais do século XIX (Pereira 2009). Crente na solidariedade de classe e na amizade e, em *A Lã e a Neve*, na lealdade, no amor e na família, no que ele nunca quis acreditar foi e cito no “verdadeiro amplexo entre as várias classes que compõem a sociedade” (Castro 1990: 302), palavras que colocou na boca do delegado do Governo que, nos finais da Segunda Guerra Mundial, inaugurava o bairro operário dos Penedos Altos na Covilhã e menos ainda na piedosa oração dos crentes para conseguir benefícios neste mundo. O sucesso internacional de *A Lã e a Neve* não pode ser esquecido em qualquer bibliografia dos lanifícios. Publicado pela primeira vez em 1947, atingiu a 16ª edição, em 2010, na Guimarães Editores em Lisboa e mais algumas, nas obras completas do autor no Círculo de Leitores desde 1985. A mesma obra foi editada também no Rio de Janeiro desde 1954, e traduzida e editada em várias línguas: em francês, sob o título, *Les Brebis du seigneur*, em Paris em 1950, com reedições posteriores; em italiano, como *Uomini come Noi*, em Milão em 1960; em espanhol, *Lana y nieve*, em Buenos Aires, em 1952; em checo, *Vlna a sněž*, em Praga, em 1952; em húngaro, *Nappényes házikó: regény*, em Budapeste, em 1952; em alemão, *Wolle und schnee*, em Bremen, em 1954; em eslovaco, *Vlna a sneh*, em Bratislava, em 1954; em Flamengo, *De schaappes des heren*, em Gent; em russo, *Serst'i sneg: perevod s portugal'skogo*, em Moscovo, em 1959 etc.

Aqui, junto as três peças romanescas anunciadas no título: por *A Selva* remeter para a história pessoal de Ferreira de Castro e por *Emigrantes e A Lã e a Neve* terem sido ligadas pela figura de Manuel da Bouça e ainda por, nesta última obra, encontrar os selos ideológicos do autor na referência discreta à emblemática figura da história do movimento operário português, Azedo Gneco (1849-1911), e se levantar a esperança da solução dos problemas coletivos e resolver a questão da alienação individual no encontro pleno entre dois seres que se amam. Em Ferreira de Castro, o amor é a chave da integração do macro com o microcosmos, afinal, à maneira clássica e cristã.

## UM ÉPICO DO SÉCULO XX OU UM CRIADOR DE EPOPEIAS TÃO DIFERENTES DAS DE QUINHENTOS

«Famintos de pão e de futuro»

(Castro 2001: 81)

Depois de em outra parte estudar demoradamente o percurso de José Augusto de Castro (1862-1942) (Pereira 2010: 119-131), abordo, pois, agora e aqui, alguém com o mesmo nome de família, em idêntica epopeia, entre Portugal e o Brasil, similar formação de autodidata, também paladino da amizade e do amor, igual empenho e semelhante capacidade de leitura das mazelas sociais e análoga exposição às teses anarco-sindicalistas e socialistas libertárias, parecida entrada precoce no mundo do trabalho e a mesma paixão pela imprensa periódica: Ferreira de Castro. Porém, este, dono de uma obra literária do mais largo esplendor, diria universal, embora paradoxalmente enraizada, em um e outro dos lados do Atlântico, onde tanto exalam a flor dos salgueiros e a resina dos pinhais do vale do Caima como os seringais do rio Madeira na Amazónia e ora se ouvem melodias italianas e cantigas portuguesas e galegas, ora os coros dos marinheiros do Danúbio e do Volga. Aos oito anos, órfão de pai, demonstra amor particular às letras em paradoxal superior Instrução Primária e, ainda antes de completar os treze anos, parte para a selva Amazónica a fim de garantir a subsistência. Episódios eloquentes de chegada e partida repetir-se-ão em todas as suas narrativas, sempre, também, a paixão pelos livros e pelos jornais e, nestes, pela cultura operária de que ele deve ser considerado um dos mais lídimos portadores, antecipando os consagrados autores neo-realistas portugueses, Alves Redol (1911-1969) e Soeiro Pereira Gomes (1909-1949).

Precoce, compõe os seus primeiros textos aos catorze ou quinze anos e inicia uma demonstração de talento e vocação de escritor digno do prémio Nobel que as contingências do tempo não lhe proporcionaram. Não considerarei toda a obra literária de Ferreira de Castro. Farei referências a *A Selva* e a *A Lã e a Neve*, mas abordarei em exaustão *Emigrantes*, que escreveu entre 1925 e 1927 e publicou quanto completava três décadas de vida e o confirmava na qualidade suprema do grande literato: capacidade de leitura da realidade e de transmissão da mesma ao maior número possível de leitores na singular adequação das formas artísticas aos conteúdos temáticos. Sem dúvida, trata-se de um romance, podendo encontrar nele todas as categorias deste género literário qualquer que seja a perspectiva. Todavia, por eu ser historiador de formação, quis ir, além da esfera literária, até às referências ideológicas, sociológicas e políticas, demonstrando que é possível vincular historicamente a trama da narrativa, desde a abertura ao encerramento, paradoxalmente aberto, até *A Lã e a Neve* em que a fecha.

O tempo da narrativa de *Emigrantes* cumpre-se numa década: um ciclo recorrente na criação artística ocidental e portuguesa. O início é-nos indicado pelo autor com a notícia de Cunha Leal, no Ministério, decerto, das Finanças em 1920, indício de uma expectativa a que outro professor de Coimbra responderá noutro jeito mais tarde em contexto de ditadura. Tenho dificuldade em conciliar o dito tempo da narrativa, dez anos, com o ano da edição, 1928. Conjugando as referências históricas brasileiras e as portuguesas, reduziria

aquela apenas a sete ou oito anos, números também significativos, entre 1920 e 1927. Em 1919, o autor desloca-se do vale do Amazonas para o Rio de Janeiro e particularmente para São Paulo, onde assiste a movimentos grevistas de massas e conhece os ambientes que reproduz em *Emigrantes*. Antecipando o trajeto da figura central deste quadro épico, Manuel da Bouça, o nosso autor regressa a Portugal na véspera de fazer emigrar este das terras do vale do Caima para as do café paulista. O tempo de permanência de tal personagem em terras brasileiras corresponde, mais ou menos, ao número de anos de trânsito do nosso autor pelas mesmas, entre 1911 e 1919, no Vale da Amazónia. Assim, poderíamos considerá-lo um alter-ego ou um heterónimo, mas com menos instrução, que ele deixa ou coloca no Brasil depois do seu regresso a Portugal.

As perspectivas anarco-sindicalistas de Ferreira de Castro transparecem, ao longo da sua obra, tomando partido pelos explorados de todo o mundo contra os exploradores de todo o mundo e contra todos os mitos de enriquecimento fácil e rápido, designadamente a febre do ouro, por parte dos portugueses que os levou e continua a fazer preferir o amor, o afecto e a família. Neste sentido, é também um romance de componentes psicanalíticas parecendo-me ter influenciado profundamente as opiniões dos que fizeram o trânsito entre Ferreira de Castro e a nossa geração: Em particular refiro-me a Eduardo Lourenço. Curiosamente, tanto Ferreira de Castro, ao atingir a maioridade, como Miguel Torga, ainda jovem, cumprem uma inversa navegação, para se realizarem plenamente em Portugal.

**BRASIL E PORTUGAL, NOS ANOS VINTE, TEMPO DA NARRATIVA DE EMIGRANTES E DE A SELVA, E O ESSENCIAL DE UMA MENSAGEM QUE SALAZAR NÃO ENTENDERÁ**

*«Defender ideias não era crime nenhum»*

(Castro 1978: 228).

As componentes civilizacionais que transparecem nas páginas dos primeiros romances de Ferreira de Castro pouco adiantam às que o século XIX trouxera como elementos de progresso: o vapor, o jornal e o parlamento. Quanto ao regime político, em que os mesmos foram concebidos, a Primeira República Portuguesa significou aproximação ao Brasil, todavia, em formato bem diferente daquele que a deslocação da Corte, de Lisboa para o Rio de Janeiro, significara um século antes. Agora, o país aderira ao regime implantado ali havia uma geração. A grandeza do Brasil significava a capacidade realizadora dos portugueses e justificava o investimento na nova opção colonial africana. Todavia, na melhor das tradições do federalismo republicano, permitia a retoma de um novo destino comum luso-brasileiro (Rodrigues 1917) e a eliminação do complexo que se desenvolvera ao longo do século XIX de um Portugal Anão no seio das grandes nações. Em alguns espíritos, a federação dos estados lusos poderia refazer a ideia utópica de uma grande pátria portuguesa à volta do Atlântico-Sul como havia quatro séculos quisera D. João II em Portugal pessoalmente a haver. Entretanto, as Terras de Vera Cruz continuavam apenas como destino preferencial da emigração portuguesa que agora se tornava emigração de massas depois da abolição da escravatura e deixava de beneficiar de acolhimento privilegiado como parece notório nas narrativas de Castro, conservando, todavia, alguma dignidade, manifesta no bom acolhimento

enquadrado legalmente pela Agência Oficial de Colocação (Castro 2001: 131) e apoiado na dita Hospedaria dos Emigrantes em São Paulo (Castro 2001: 126), ainda que na mais sarcástica ironia, dado que, no tempo da escrita de Castro, a mesma acolhia presos políticos em algumas das suas alas (1924).

Ao longo desta e de outras obras romanescas, Ferreira de Castro distingue-se de qualquer outro literato português pela capacidade de incutir enérgica vibração espiritual tanto às paisagens naturais, que descreve de preferência ao amanhecer ou ao anoitecer, como aos grupos e colectivos humanos, de qualquer origem, em trânsito permanente, através da perspectiva íntima de uma das suas personagens, que podemos considerar seu desdobramento pessoal à maneira do que Pessoa, no mesmo tempo, resplandecia nos seus poemas. Para comprovar a afirmação, siga-se Manuel da Bouça em *Emigrantes* (1928), Alberto, em *A Selva* (1930), Horácio, em *A Lã e a Neve* (1947) e remeta-se ao limbo de *Rugas Sociais* (1918), de Silvestre Valente, seu pseudónimo. Todavia, também não trago novidade ao notar a opção do nosso Castro pelos heróis coletivos, apesar de qualquer das suas obras centrar a narrativa numa personagem individual, alter-ego latente, no caso de *Emigrantes*, Manuel da Bouça, para frisar a sua ascendência rural. Do nome Manuel, não podemos inferir qualquer significado, menos ainda o sentido bíblico messiânico que encerra. Trata-se apenas de um nome próprio tão vulgar como Maria. No entanto, à alcunha Bouça, devemos atribuir o significado do lavrador de courelas das terras altas e pobres, junto aos escalvados dos montes, para onde foram atiradas, ao longo dos tempos, as gentes menos afortunadas do mundo rural a fim de semearem o centeio de escassa espiga em situação oposta aos proprietários e lavradores das lezírias de aluvião.

Em 1920, Ferreira de Castro, que deixara o Brasil no ano anterior, caminhava para a sua afirmação como romancista de talento congénito e dimensão universal. Na senda de patamar ao mesmo nível, concretizado anos mais tarde na fundação da SPA, apenas encontro o seu amigo Aquilino Ribeiro (1885-1963), embora este, já então conceituado. Ambos republicanos e libertários, aquele com um vínculo intenso ao Brasil, este, a França, e um respeito mútuo invulgar, que se prolongará até ao final da vida. Nos dois, o propósito épico de viver dos direitos de autor no seu país maioritariamente analfabeto. Decerto, terão trocado elementos quanto às técnicas de composição das narrativas e da elaboração da estrutura das obras romanescas. Já confirmei que a mestria de Nemésio beneficiou dos ensinamentos do beirão das *Terras do Demo* (Pereira 2007: 37-67). Esta jovem geração, a que acrescento o terceirense Jaime Brasil (1896-1966) (Alves 2006), sobretudo jornalista, e ainda uma pléiade de grandes figuras de que cito duas, tão distintas, como Abel Salazar (1889-1946) e Vieira de Almeida (1888-1962), sem empenho político imediato, coincide frequentemente em perspectivas sociais e políticas entre o micro e o macrocosmos, o singular e o universal, o local e o planetário, e parece-me jamais se ter condicionado ao poder estabelecido ou à corrente dominante, em paralelo a um outro conjunto de personalidades também talentosas que cumpriam trajectórias de fulgor nas letras e também na política progressista, em particular, alguns membros da Renascença Portuguesa, Jaime Cortesão, (1884-1960) Leonardo Coimbra (1883-1936) e Álvaro Pinto (1889-1956) e os sobredotados jovens comunistas Bento de Jesus Caraça (1901-1948) e Álvaro Cunhal (1913-2005). Do amplo movimento da Presença, o nosso autor pode ter colhido a expressão de um

novo humanismo universalista e cosmopolita. Não tendo entrado na polémica sebástica, poder-se-á também inferir uma certa oposição de Ferreira de Castro ao luso-brasileiro Carlos Malheiro Dias (1875-1941). Esta figura de proa da geração anterior recuperava, então, na qualidade de historiador, a sua imagem que fora ofuscada, particularmente no Brasil, com a publicação do romance naturalista *A Mulata* (1896). Curiosamente, em *Emigrantes*, Castro traça o perfil da mulata Benvinda, que parece querer redimir, intencionalmente, da prostituição, aquela Honorina, pela via do trabalho, da dedicação, do afecto e desprendimento. Sem falsos moralismos, crente profundo na capacidade do homem, ao nosso autor interessava sobretudo o combate contra todo o tipo de exploração e aqui coincide com o outro Castro que citei acima.

Os primeiros anos da década de vinte decorrem em clima de grande transformação em Portugal. Depois das últimas grandes investidas monárquicas de 1919, de que Ferreira de Castro fará eco em *A Selva*, estabelecido o regime em termos políticos, as grandes personalidades republicanas afastam-se do espaço público português e deixam um vazio trágico de mau prenúncio: Afonso Costa representa o país na Sociedade das Nações (1920); Brito Camacho segue para alto-comissário em Moçambique (1920-1923); Teófilo Braga falece (1924). Os governos sucedem-se vertiginosamente com algumas figuras como Domingos Leite Pereira ou Francisco da Cunha Leal a suscitarem expectativas. Este aparece citado em *Emigrantes* e antecede a saída de Manuel da Bouça para o Brasil.

As Terras de Vera Cruz, com uma economia baseada nas exportações do café e da borracha, uma sociedade oligárquica, sob a governação personalista de Artur Bernardes (1875-1955), 12º Presidente do Brasil (1922-1926), deixavam largas camadas da sociedade de fora dos benefícios provenientes do crescimento económico predispostas a revoltas como a do General Isidoro que Ferreira de Castro evoca. Noutra âmbito, decerto, Ferreira de Castro sente os efeitos negativos da publicação da conhecida Lei infame ou Lei Adolfo Gordo, seu relator no Senado, em 1923 e da prisão dos diretores do *Correio da Manhã*, Mário Rodrigues, e do *Diário de Notícias*, Macedo Soares, cume de uma escalada contra a liberdade de expressão a que a imprensa já estava habituada. Em 1924, São Paulo, onde Ferreira de Castro coloca Manuel da Bouça, a principal personagem da narrativa, transformara-se em campo de batalha com dimensões políticas e sociais ímpares no contexto planetário. O movimento operário paulista com um órgão de imprensa periódico como arauto, contrariamente aos princípios anarco-sindicalistas, participa na revolta política. Ferreira de Castro põe duas ou três das suas personagens a intervir na mesma e traça o seu desfecho. Os problemas políticos, económicos e sociais da década em causa, em todo o mundo, são trágicos e Portugal e o Brasil não ficam de fora. No Brasil, aumentam os conflitos entre as grandes oligarquias de base rural: produtores de café do Estado de São Paulo face às restantes. Em Portugal, a pequena propriedade no Norte do País continua a lançar os excedentes demográficos para a emigração ou migração interna sazonal para os latifúndios do Sul do País. Nas metrópoles, aqui, em Lisboa e no Porto, além, no Rio e em São Paulo, o descontentamento social acentua-se. A formação dos partidos comunistas está em marcha em ambos os países. Em 1921, O Partido Comunista Português forma-se a partir da Federação Maximalista Portuguesa. No Brasil, Luís Carlos Prestes empunha a bandeira da militância

e o Partido Comunista Brasileiro é fundado em 1922. Em período de desenvolvimento de nacionalismos e patriotismos, conforta, em Ferreira de Castro, a manifestação de um claro internacionalismo, de solidariedades entre pessoas das mais diferentes origens. Notória, por exemplo, a demonstração da melhor convivência entre Manuel da Bouça e o italiano, que lhe coube em companhia na fazenda de café de Santa Efigénia, e simpática, a representação épica de todas as nacionalidades que aportavam ao Brasil. Tendo estado em São Paulo em 1919, Ferreira de Castro tomara conhecimento dos movimentos de carácter ideológico que ali sedimentavam a revolta contra um estado social assente na dominação e na oligarquia agrária maioritariamente dedicada à monocultura do café, necessitada de levas de emigrantes, depois que o anterior modo de produção deixou de poder contar com o trabalho escravo da senzala. Ferreira de Castro captou o processo e transpô-lo em forma romanesca. Os contratos de um ano com os fazendeiros, celebrados á chegada ainda no porto de Santos, facilitavam a entrada no Brasil e, ao fim daquele período, aqueles ficavam disponíveis para o mercado de trabalho industrial e comercial na grande metrópole paulista. Em simultâneo, tal oferta de trabalho braçal fazia diminuir os salários para o nível da mera sobrevivência. No final da década de vinte, São Paulo tornara-se uma grande cidade industrial. Em 1929, contava 6.923 empresas face às 326 de 1907 (Silva 1986: 79). Neste meio, as doutrinas anarquistas e comunistas ganhavam adeptos facilmente. Entre os órgãos da imprensa periódica paulista e de mais larga circulação e eco, conta-se *A Plebe*, que Castro conhecia bem e cita. A força dos ideais anarquistas advém-lhe da crença profunda na bondade do homem despido de preconceitos sociais, aderente ao valor perene da liberdade responsável sem necessidade de transferir para o Estado a sua efetiva capacidade de auto-organização, garantida pelos sindicatos. As manifestações de solidariedade vividas por Manuel da Bouça ao longo do romance, cujo essencial da narrativa decorre entre a fazenda e o espaço urbano de São Paulo, confirmam a perspetiva. Porém, o optimismo anarquista não se applicava ao mundo rural português secularmente alienado a todos os níveis.

Entre 1920 e 1927, ao mesmo tempo que compõe a epopeia dos *Emigrantes* e intervém na imprensa periódica, que lhe garantia o sustento, como ele mesmo confessa, Ferreira de Castro vai editando outras obras e amadurecendo as suas perspetivas ideológicas mais próximas do PCP. Em 1920, dirige *O Luso*; Em 1921, *Mas...*; em 1922, publica um dos livros que excluiu do seu currículo, *Carne Faminta*, e entre Março e Abril, dirige a publicação dominical dos primeiros seis números de *A Hora: Revista Panfleto de Arte, Actualidades e Questões Sociais*; em 1923, publica *O Êxito Fácil* e *Sangue Negro*, que excluiu do seu currículo; em 1924, *A Metamorfose* e a novela *A boca da esfinge*, esta, em conjunto com Eduardo Frias; em 1925, *Lendas de Lirismo e de Amor* e *A Morte Redimida* que também eliminou da sua trajetória literária; em 1926, a novela *A peregrina do mundo novo* e *A epopeia do trabalho*; e em 1927, *Voo nas trevas* e *A casa dos móveis dourados*.

Custa perceber a limpeza de currículo que Ferreira de Castro levará a cabo de algumas das peças deste tempo. Decerto, por descobrir alguma nota menos feliz por falta de informação, dada a sua juventude e a forma de escrever sustentada ora na memória ora em súmulas de apontamentos. De facto, nas primeiras páginas de *Emigrantes*, quem conhece o mundo rural português notará um

quadro primaveril impossível que denuncia o afastamento do autor ainda muito jovem em relação ao mesmo:

*“Fazendo sentinela à terra pródiga, duas cerejeiras contrastavam, pela sua frescura e opulência da folhagem, com a figueira árida – apesar de muito mais feliz do que a bíblica, pois Judas fora substituído por uma grande abóbora amarela, que pendia da primeira forquilha”*

(Castro 2001: 19).

As abóboras amarelas pendentes de alguma figueira ou outra árvore são uma realidade de Outono, não, da Primavera. Outras imprecisões concernem ao período da tosquia que afirma fazer-se em Junho (Castro 1990: 57), a grossura da terra do chão serrano, onde diz «a um metro, às vezes ainda menos», devia dizer a um palmo, às vezes ainda menos (Castro, 1990: 79) e custa acreditar em sardinhas ao jantar em dia de Inverno (Castro 1990: 201). A dialéctica recorrente no jovem Castro levou-o a alguns exageros que ele mesmo achou por bem corrigir anos mais tarde depois de mais leituras, maturidade e conhecimentos.

O romance *A Selva* enquadra o tempo da sua narrativa entre o exílio de um jovem que participou nas movimentações monárquicas, designadamente a revolta de Monsanto de Janeiro de 1919 em que participaram João de Azevedo Coutinho, Aires de Ornelas de Vasconcelos, que Ferreira de Castro cita como o Vasconcelos (Castro 1978: 37 e 70-71 e Correia 1919). O jovem da narrativa de Ferreira de Castro foge para a Espanha e, de imediato, para o Brasil, sendo amnistiado em 1921 (Castro 1978: 225). O tempo breve da narrativa é o de uma descida aos infernos. A personagem principal, Alberto, traz à memória ou verbaliza em diversos momentos os motivos que deram origem à sua fuga para o Brasil, em situação de deslocado contra a sua vontade (Castro 1978: 37 e 70).

Além da experiência pessoal na selva amazónica, vivida ainda muito jovem, Castro teve acesso a um conjunto de informações disponibilizadas por relatórios de expedições científicas pelo Instituto Oswaldo Cruz àquela, alguns elaborados quando ele viveu na mesma, cerca de uma década antes do herói da sua narrativa, Alberto. Relembro que Ferreira de Castro partiu para o Brasil em 6 de Janeiro de 1911, viveu no seringal Paraíso, desde 6/7 de Março de 1911 até 28 de Outubro de 1914, no apogeu da extração da borracha. No último ano de permanência no mesmo, Ferreira de Castro, o “Zé Português”, ganhava 30.000 rs mensalmente e liquidava então as dívidas e os custos da passagem. A personagem Alberto vive no seringal nos dois primeiros anos da década de 20 já na decadência da produção da mesma.

Bem antes do programa neo-realista de levantamento das questões sociais através da literatura nos vários espaços do território português, Ferreira de Castro enquadrava dois espaços brasileiros, em narrativas, em simultâneo tempo histórico, a Amazônia, em *A Selva*, e São Paulo, em *Emigrantes*.

## PORTUGAL DOS ANOS QUARENTA NO TEMPO DA NARRATIVA DE A LÃ E A NEVE

«*A ludibriar o estômago e o tempo*»

(Castro, 1990:285).

“Horácio”, “Pedrada no Piloto” (Castro, 1990: 58), “Andorinhas da Covilhã” (Castro, 1990: 254) que, “ao fim da tarde, pousavam nos fios telegráficos e quedavam-se a ver do alto a cidade” mas que ainda hoje me impressionam esvoaçando sobre o casario mais antigo da cidade nas manhãs de Primavera, “A Casa”, ou “O Homem Novo”, podiam substituir o título do romance *A Lã e a Neve*, conjunto de três novelas, ligadas pela figura de um pastor que foi militar e havia de ser operário: A primeira parte intitula-se “Os Rebanhos”, a segunda “A Lã e a Neve”, e a terceira “A Casa”. *A Lã e a Neve* convoca as narrativas anteriores em alguns lugares que a compõem: uma figura central cujo nome podia dar o título à obra; a iniciativa de fuga à fatalidade de uma vida rotineira e pobre, que cabe ao homem; a expectativa colocada em um Messias para sair daquela em outro espaço, que sai frustrada; a confirmada solidariedade entre iguais ou membros da mesma classe, pastores, operários; o rito de passagem, Inverno/ Primavera.

Na Covilhã, a expectativa de auxílio e a conseqüente frustração estavam no merceiro Marques (Castro 1990: 42). Afinal, a solidariedade virá do Peixoto, de Aldeia do Carvalho, como ele, também pastor (Castro 1990: 46). O tempo histórico fica nesta obra mais bem referenciado do que nunca. A ação decorre durante a Segunda Grande Guerra e é o tempo da construção do bairro de casas sociais dos Penedos Altos, em período em que toda a Beira atinge os seus máximos demográficos. Nos finais da década de Quarenta do século Vinte, os distritos de Castelo Brando e Guarda atingiam 653.586 habitantes, mais 255.826 do que em 2001 (Pereira 2009: 179). Procede-se a mais uma transformação da Praça do Pelourinho e inaugura-se um dos ex-libris da Covilhã: O Mercado Novo (Castro 1990: 40). A perversão e a falta de moralidade e de ética cabem às classes superiores, cujos investimentos tinham o retorno idêntico ao das viagens à Índia, no século XVI. O grupo de operários covilhanenses, particularmente radicado na Aldeia de Carvalho, consigna a melhor cultura operária, jamais descrita de forma tão sublime na sua dignidade (Castro 1990: 173 e 179). A mulher aparece finalmente na história das lutas operárias e figura de forma ímpar nos romances de Ferreira de Castro. A tradicional causa da habitação operária entra cedo na narrativa na transição da casa semirural de Manteigas e operária da Covilhã que abordei em outro lugar (Pereira 2002: 63). Notem-se os respetivos quadros em Ferreira de Castro:

\* A casa beirã, em Manteigas:

*“As casas, negregosas, velhentas, colavam-se umas às outras, com a parte inferior de granito escurecido pelo tempo e a parte cimeira com folhas de zinco enferrujadas a revestirem as paredes de taipa, mais baratas do que as de pedra. Este e aquele casebre exibiam apodrecidas varandas de madeira e outros, mais raros, umas escadas exteriores, coroadas por um patamarzito quadrado, logradouro do mulharedo nas horas do paleio com as vizinhas”*

(Castro 1990: 25).

\* O interior da casa operária, na Covilhã:

*“Uma quadrazita de paredes tão velhas e enegrecidas como as exteriores. Ao fundo, estava a cama de ferro e a mesa-de-cabeceira. Ao centro, uma mesita e duas cadeiras, tudo isso já muito usado. À esquerda, havia uma arca de pinho e, à direita, o fogão, que semelhava também uma mesa, com cobertura de tijolo (...). Só a cantareira era nova, branqueando ainda as suas tábuas sem pintura”*

(Castro 1990: 270).

Os espaços covilhanenses, as duas ribeiras, Carpinteira e Goldra, espaços de implantação industrial, a casa, a fábrica, o Jardim e o Pelourinho são descritos minuciosamente por Ferreira de Castro, mas também as vielas, onde moravam os operários, “de crianças farroupilhas, mulheres mondongas, velhas desgrenhadas, cães e gatos vadios” (Castro 1990: 272) e os grandes planos da cidade, paradoxalmente, «pequena, acolhedora e pacata” (Castro 1990: 297), contemplada desde as Portas do Sol (Castro 1990: 283-284). Mais ainda, Castro referencia as marcas da História Portuguesa numa cidade do Interior, carregadas de sentido ideológico: a Praça da República e a Rua Azevedo Gneco, onde ou perto aparece, velho e corcovado, o Manuel da Bouça, de *Emigrantes*, que fora parar à Covilhã, uma espécie de Frei Luís de Sousa, que acabava como mendigo, contando a sua história “de vencido” (Castro 1990: 268) a quem passava (Castro 1990: 267):

*“Contava que tivera uma casa e tivera terras e perdera tudo porque quisera viver melhor do que vivia. E que haviam sido outros homens que lhe tiraram quanto era dele. Que atravessara os mares, rolara por terras distantes, trabucara como um negro e nunca amalhara nada porque em toda a parte existiam homens que tinham mais poder do que os outros e ficavam com tudo quanto podiam. Depois nadara aos trambolhões em Portugal, de uma banda para outra, a ver se ainda levantava cabeça. Mas nunca o conseguira. Cada um só tratava de si e não se importava com os demais. Até a sua filha e o seu genro o haviam desprezado, quando souberam que ele não trouxera vintém lá nas terras por onde andara. Aquilo não tinha remédio algum e havia de ser sempre assim. Os homens eram como eram e não havia jeito a dar-lhes. Quem tinha sorte, tinha; quem não a tinha, que rebentasse! Ali mesmo, na Covilhã, onde viera parar com os ossos, se não o punham no olho da rua é porque ninguém faria mais barato o trabalho que ele fazia no armazém...”*

(Castro 1990: 268).

#### LEITURAS DE FERREIRA DE CASTRO

*«Sobre a pequena mesa viam-se os livros de Marreta, alguns deles já embrulhados em velhos jornais»*

(Castro 1990: 247)

Embora a Biblioteca e o Livro possam ser considerados nos espaços urbanos elementos civilizacionais do mundo que Ferreira de Castro viveu, reitero que nele mais transparecem a redação, a circulação e a leitura do jornal. Concedo, no entanto, a importância que a limitada livraria do seringal Paraíso, onde leu Eugénie Grandet (Emery, 1981: 35) e os recursos de instituições como a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (Anais 1902-1983, tomos 8 e 9), o Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia e o Instituto Histórico e Geográfico, de Belém do Pará, que frequentou, possam ter tido na formação do

nosso autor. A sua atenção aos mínimos pormenores da natureza coincide com os objetivos destas instituições.

Ao redigir *A Selva*, Ferreira de Castro cita como presença no Seringal o *Almanaque Luso-Brasileiro*, que se publicou entre 1851 e 1936, verdadeiro manancial de charadas, logogrifos e enigmas para localmente qualquer pessoa letrada ocupar os tempos livres. Ao seringal, espaço de deslocados, chegavam, também, jornais de vários estados do Brasil, designadamente do Rio Grande do Sul. Com efeito, em periódico da cidade de Pelotas, o nosso autor publicou o seu primeiro texto. A colaboração de Ferreira de Castro estará inserta em *A Alvorada - periodico litterario, noticioso e critico* e em *A Tribuna* ou no *Diário Popular* que se editaram no período. Sem dúvida, a juventude de Castro decorreu ao ritmo da leitura da imprensa periódica, então num certo apogeu, muita dela ecoando os textos das figuras epigonais do pensamento socialista, das teses sindicalistas, progressistas, materialistas e libertárias, depois de Ludwig Feuerbach (1804-1872) de Karl Marx. (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895): Georges Sorel (1847-1922), Antonio Gramsci (1891-1937), Ernst Bloch (1886-1944), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Karl Kautsky (1854-1938), Max Weber (1864-1920), do luso-brasileiro Miguel Bombarda (1851-1910) e do basco Miguel de Unamuno (1864-1936). O nosso autor completou a sua formação ideológica nas escolas promovidas pelos anarco-sindicalistas e nas redações dos jornais que frequentou, *A Cruzada* (1916), *A Gazeta Lusitana* (1916), *O Jornal dos Novos* (1916) e o *Portugal* (1917-1918), cuja direção assumirá. Ao tempo e em toda a parte, a fidelidade do leitor ao jornal era garantida pela publicação no mesmo de poesia, novelas e romances em fascículos. Era assim tanto nos órgãos de grande circulação, *O Estado de S. Paulo* (1900-1922) e a revista *Vida Moderna* (1907-1929), como em jornais de classe, por exemplo, *A Plebe*, que Ferreira de Castro conheceu bem. Além destes, Castro cita *O Diário Popular* de S. Paulo. Decerto, nos anos em que viveu na Amazónia, leu *O Jornal do Comércio* (1904-2004) e *O Tempo* (1913-1917), publicados em Manaus, o *Almanaque do Portugal Luzo-Brasileiro* (1918), publicado no Pará, *A Tarde*, publicada em Belém do Pará (1915-1916) e a *Revista do Brasil* (1916-). Quando desembarcou em Portugal, o nosso autor tinha lido, nos seringais e nas longas viagens de navio, se não os principais autores brasileiros, pelo menos, notícias e trechos a propósito nos periódicos da época. Na dialética a que nos habituou, à *Plebe*, que lera em São Paulo, Castro opõe *O Liberal*, que se lia no alienado mundo rural português. Foi nos jornais que Ferreira de Castro publicou os seus primeiros textos e deles viveu quando se estabeleceu em Lisboa, nos Anos Vinte até ao início da década seguinte do século passado quando pôde passar a viver dos direitos de autor dos seus sucessos literários. Nesta rica imprensa de então, o jovem Ferreira de Castro teve acesso aos mais diversos géneros de textos. Pelo que nos diz, sabemos que lia, por prazer, de preferência Filosofia de acordo a entrevista dada a Lopes de Oliveira (*Diário de Lisboa*, sábado, 17 de Novembro de 1945). Todavia, não se encontram nele citações dos nomes dos grandes filósofos e apenas é possível supor a leitura dos grandes ideólogos socialistas considerados como tais.

Castro teve a mesma formação ideológica e foi influenciado por leituras de igual teor às do peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930), três anos mais velho do que ele. Embora admita que o nosso autor conhecia alguma da literatura americana do seu tempo, ele confessa a sua paixão pelas literaturas francesa e

italiana e, obviamente, pela luso-brasileira. Decerto, leu *A Mulata* de Carlos Malheiro Dias ainda no Brasil e foi lido pelos seus contemporâneos, o português José Rodrigues Miguéis (1901-1980), que nele se pode ter inspirado em *Gente de terceira classe: contos e novelas*, e o brasileiro Nestor Duarte (1902-1970), além de ensaísta, romancista e autor de *Gado Humano* (1936). Discreto, Ferreira de Castro, coloca nas mãos dos operários covilhanenses, livros que não nomeia, mas eles lêem com interesse, mesmo quando pegam neles religiosamente pela primeira vez (Castro 1990: 161).

### CONCLUSÃO

Não o tendo preocupado o absoluto rigor dos factos, mas sempre a verdade, confirmo uma segura base histórica nos enredos que a imaginação do romancista Ferreira de Castro elaborou. Assim, o nosso autor continua sobremaneira importante para a compreensão do tempo brasileiro e particularmente do português que viveu, daí decorrendo a necessidade da reedição cuidada das suas obras. Nesta, além das peças romanescas, deveria ainda ser levado em conta um cuidadoso levantamento da sua colaboração na imprensa periódica. Com esta, poderíamos completar o edifício ideológico progressista e observar as discretas traves que Ferreira de Castro lançou nas décadas difíceis entre os finais da Primeira República e a Revolução dos Cravos, no cerne do regime de Salazar. No entanto, na mais larga perspetiva da sua obra, descobriríamos que, para além dos informes ideológicos datáveis, que não deviam ser motivo de perseguição de ninguém, como ele deixou escrito, o que mais conta concerne aos valores perenes da solidariedade, da amizade e do amor, portanto, do humanismo que tudo deve sustentar e de que ele foi um paladino.

### BIBLIOGRAFIA

Alves, Ricardo António (2006). *Cartas a Ferreira de Castro*. Apresent., transc., notas e posf. Ricardo António Alves. S.l., s.n..

*Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Para (1902-1983)*. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, particularmente tomos 8 e 9.

Castro, Ferreira de (1978). *A Selva*. 31.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Guimarães e C.<sup>a</sup> Editores, 1978.

Castro, Ferreira de (1990). *A Lã e a Neve*. 15.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Guimarães Editores.

Castro, Ferreira de (2001). *Emigrantes*. 25.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Guimarães Editores.

Correia, Felix (1919). *A Jornada de Monsanto – Um Holocausto Trágico*. Lisboa.

Dias, Carlos Malheiro (1896). *A Mulata*. Rio de Janeiro: Quaresma.

Emery, Bernard (1981). *L'humanisme luso-tropical selon José Maria Ferreira de Castro*. Tese de Doutoramento defendida em 1981, na Université de Provence. Grenoble: ELLUG, On-line.

Ferreira, Marie-jo. *Os Portugueses do Brasil, atores das relações luso-brasileiras, fim do século XIX – início do século XX*. <http://www.rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/portugueses.pdf>.

Gonçalves, Aracely Mehl e Nascimento, Maria Isabel Moura Nascimento. *A educação nas folhas do jornal "a plebe": 1917-1919*, <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/653/633>.

- Pereira, António dos Santos (2002). *O Parlamento e a Imprensa Periódica Beirã em Tempos de Crise (1851-1926)*. Lisboa/Porto: Assembleia da República/Edições Afrontamento.
- Pereira, António dos Santos (2007). Aquilino Ribeiro, ao caleidoscópio, entre Paris, por Lisboa e a Beira Profunda., in *Letras Aquilianas*, n.º 1, pp. 37-67.
- Pereira, António dos Santos (2008). *Portugal Descoberto*, vol. II: *Cultura Contemporânea e Pós-Moderna*, Covilhã, UBI e FCT.
- Pereira, António dos Santos (2009). *Portugal Adentro. O Milénio Beirão*. Covilhã: UBI e FCT.
- Pereira, António dos Santos (2010). O combate de uma vida: José Augusto de Castro, fronteiro da República, entre o Brasil e Portugal. In *Praça Velha*. Guarda: Câmara Municipal da Guarda e Núcleo de Animação Cultural. N.º 27 (2010): 119-131.
- Rodrigues, Bettencourt (1917). Será possível uma nova e grande Lusitânia?. In *Atlântida*. Ano III, n.º 20.
- Silva, S (1986). *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega, 1986.

